

Pessoas vivendo com HIV no nordeste brasileiro: aspectos clínicos

Mayara Nascimento de Vasconcelos, Monalisa Rodrigues da Cruz, Lucas Dias Soares Machado, Maria Eduarda Xavier Gomes, Wellington da Silva Junior, Renatah Eloah de Lucena Ferretti-Rebustini, Thereza Maria Magalhães Moreira, Maria Lúcia Duarte Pereira

Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza- CE; Instituto Federal da Paraíba, João Pessoa- PB; Universidade de São Paulo, São Paulo- SP.

INTRODUÇÃO

No Brasil, estima-se que aproximadamente um milhão de pessoas vive com o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), das quais cerca de 100 mil desconhecem sua condição (Brasil, 2023). Esses indivíduos enfrentam uma série de desafios clínicos que impactam sua qualidade de vida e saúde geral. A gestão desses desafios requer uma abordagem multidisciplinar e contínua, que não só monitora e associa os efeitos e aspectos clínicos do HIV, mas também adapta o tratamento conforme necessário. Neste contexto, o Ministério da Saúde recomenda a realização de exames complementares, como avaliações de risco cardiovascular e testes de glicemia, dependendo do uso e das alterações na terapia antirretroviral (TARV) (Brasil, 2018). Para assegurar o bem-estar e saúde adequada, torna-se essencial que o suporte a essa população seja amparado por políticas públicas especializadas e assertivas e assim, respondam especificamente às necessidades desta comunidade (Brasil, 2017).

OBJETIVO

Descrever os aspectos clínicos de pessoas vivendo com HIV no nordeste brasileiro.

MÉTODO

Estudo descritivo, desenvolvido no ambulatório do Hospital São José de Doenças Infecciosas (HSJ), referência em doenças infectocontagiosas na cidade de Fortaleza, Ceará, no período de outubro de 2023 a março de 2024. A população foi composta por pessoas entre 18 e 59 anos vivendo com HIV. A coleta de dados foi realizada em entrevistas individuais, utilizando um questionário contendo itens dicotômicos (não/sim). Os dados foram processados no programa estatístico *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS®), versão 25, e expressos por meio de frequência e porcentagem. A análise estatística foi realizada utilizando-se técnicas de frequência e porcentagem. Esse estudo atendeu à resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde e foi aprovado pelo comitê de ética em pesquisa com seres humanos da Universidade Estadual do Ceará (UECE) sob número 5.373.180, no ano de 2022.

RESULTADOS

A amostra final foi composta por 370 participantes. Quanto às variáveis clínicas após o diagnóstico do HIV, 73,5% (n=272) não apresentavam doenças cardiovasculares (DCV), 66,8% (n=247) não tinham colesterol anormalmente elevado, 82,4% (n=305) possuíam Diabetes Mellitus (DM), e 91,9% (n=340) negaram diagnóstico de doença renal crônica. Sobre a prática de atividade física, 50,3% (n=186) afirmaram ter dificuldade em realizar. Em relação ao tempo de diagnóstico de infecção, 71,9% (n=266) vivem com HIV há mais de cinco anos, a maioria (89,2%; n=330) faziam uso contínuo da terapia antirretroviral há mais de seis meses, e 85,7% (n=317) informaram que não apresentam dificuldades no uso da TARV. Quanto a presença de coinfeções, 64,1% (n=237) negaram a infecção por herpes, 93% (n=344) não possuíam diagnóstico de Hepatite C, e 92,7% (n=343) não tiveram infecção pelo citomegalovírus (CMV).

DISCUSSÃO

A descrição das variáveis clínicas dos participantes revela aspectos importantes sobre a saúde das pessoas vivendo com HIV. A ausência de DCV, dislipidemia, e doença renal crônica na maioria dos participantes contrasta com a literatura, especialmente pelo risco aumentado de doenças cardiovasculares nessa população, possivelmente devido a fatores como inflamação crônica e efeitos secundários da medicação antirretroviral (Vicioli, Souza, 2023; Fedocci *et al.*, 2023). A presença de coinfeções como Herpes, Hepatite C e CMV também foram negadas pela população. Ressalta-se que esses achados podem ser atribuídos possivelmente a melhorias nas estratégias de tratamento e cuidado em saúde geral desse público, variações específicas da amostra, ou até mesmo desconhecimento por parte da população. Observou-se também que muitos participantes relataram dificuldades em realizar atividades físicas, é um dado preocupante, pois sabe-se que é um componente vital para a prevenção de condições metabólicas e melhoria da qualidade de vida (Silva *et al.*, 2023). Além disso, a grande maioria dos participantes tinham diagnóstico de DM. A relação entre HIV e diabetes é complexa, influenciada também pela infecção e pelo tratamento antirretroviral, sendo necessário uma maior atenção, especialmente pelo fato de a população negar outras comorbidades, e viverem com HIV há mais de cinco anos. Outro ponto é que apesar de negarem dificuldade no uso da TARV, a maioria faz uso contínuo há mais de seis meses, e como há a evidência de interação do tratamento com algumas condições crônicas, é fundamental o cuidado dos profissionais de saúde em relação aos possíveis efeitos da medicação (Brasil, 2018). Por fim, no que tange às limitações do estudo, salienta-se a realização de análise univariada, sendo necessário uma investigação bi e multivariada, assim como o uso de outras variáveis para alcançar melhor interpretação de aspectos clínicos do público estudado.

CONCLUSÃO

As pessoas que vivem com HIV no nordeste brasileiro negaram presença de doenças cardiovasculares, dislipidemia, doença renal crônica, herpes, Hepatite C, citomegalovírus, mas a maioria tinha DM. Um maior número de pessoas teve diagnóstico há mais de cinco anos, faziam uso contínuo da TARV há mais de seis meses e não tinham dificuldade em seu uso.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Manejo da Infecção pelo HIV em Adultos**. Brasília, 2018
- FEDOCCI E. M *et al.* Construção e validação de um e-book sobre risco cardiovascular em pessoas vivendo com o vírus da imunodeficiência humana. **Acta Paul Enferm.** v.36, maio, 2023.
- SILVA J. V. C *et al.* Prevalência e fatores associados à prática de atividade física em pessoas vivendo com HIV/AIDS. **Rev Epidemiol.** v.13, n.4, dezembro, 2023
- VICOLI, L. B. C; SOUZA, L. R. Prevalência de comorbidades não relacionadas à aids e características do envelhecimento de pacientes com infecção pelo HIV/aids divulgadas há 20 anos Ou Mais e em uso prolongado de antirretrovirais. **Revista brasileira de doenças infecciosas.** v. 27, 2023.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Panorama epidemiológico e respostas ao HIV e à AIDS em 2023**. Brasília, 2023
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Cuidado integral às pessoas que vivem com HIV pela Atenção Básica**. Brasília, 2017.